

Lilithes, do século XX, abrem a caixa de Pandora das Sherazades, do século XIX

Maria da Conceição Pinheiro Araújo

Doutoranda da PUCRS e professora do Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia

*Sempre fomos o que os homens disseram que nós
éramos. Agora somos nós que vamos dizer o que somos*¹.

Este ensaio conta uma história de livros. As autoras e/ou organizadoras são professoras, pesquisadoras e feministas do século XX que quebraram uma norma ao desmontarem um estereótipo construído para excluir, das histórias da literatura, as obras de autoria feminina. Essas pesquisadoras audaciosas enveredaram por um projeto de revisão da história literária, e como resposta a esse processo produziram livros que salvaram, do seqüestro ou do limbo em que se encontravam, as autoras do passado e suas respectivas obras. São antologias, coletâneas biográficas e dicionários que têm como objetivo resgatar a ousadia dessas escritoras de outros tempos que fizeram história ao inserir-se no espaço público, num momento em que a atividade literária só era permitida aos homens. Mas é bom ressaltar que os textos e obras escolhidas aqui não são os primeiros trabalhos. Muito antes, desde o século XIX, já existia a preocupação com o resgate de textos de autoria feminina².

Escolhi obras publicadas nos anos de 1990 e início do século XXI e justifico o recorte temporal nesse período porque esta época representa um marco no que se refere às respostas práticas, em termos de produção científica, do GT A Mulher na Literatura, originado no ano de 1986, e suas reuniões realizadas nos Congressos da ANPOLL e nos Seminários Nacionais Mulher e Literatura. Desses encontros, congressos e seminários resultou, além dos Anais, uma produção intelectual que registra as discussões mais recentes em torno da escrita feminina do passado e da contemporaneidade. As questões, discutidas nesses grupos e abordadas nessas obras são, entretanto, resultados de lutas mais antigas datadas dos anos 1960, com a primeira onda feminista.

¹ TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 58.

² Relacão aqui alguns desses trabalhos. AZEVEDO, Josefina Álvares de. *Galeria ilustre: mulheres célebres*. (1897); SABINO, Inês. *Mulheres ilustres do Brasil*. (1899); OLIVEIRA, Andradina de. *A mulher rio-grandense e escritoras mortas*. (1907); BRITO, Cândida de. *Antologia feminina: escritoras e poetisas contemporâneas*. (1929); BITTENCOURT, Adalgisa. *Mulheres e livros*. (1948); TACQUES, Alzira Freitas. *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*. (1956-1958); GUIMARÃES, Rute. *Mulheres célebres*. (1963); GALEANO, Henriqueta. *Mulheres admiráveis*. (1965); BITTENCOURT, Adalgisa. *Dicionário biobibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil*. (1969) (Três volumes); GALENO, Henriqueta. *Mulheres do Brasil*. (1971) Vol. I (publicação em quatro volumes).

A década de 70 é emblemática quando se fala em estudos sobre a mulher e a literatura. Duas correntes teóricas se estabelecem em termos de Estados Unidos e Europa. A corrente anglo-saxônica busca, através das premissas estabelecidas por Michel Foucault, para o estudo da desconstrução da história literária, rever os princípios que norteiam a inclusão/exclusão de autores e obras no cânone literário. Esse questionamento do cânone literário masculino se desdobra em uma investida na recuperação dos textos femininos excluídos e propõe uma *arqueologia literária de linhagem matrilinear*. Na França, o pensamento teórico de Derrida e Lacan sustenta as bases do feminismo naquele país. As feministas Hélène Cixous e Luce Irigaray são representantes importantes da corrente teórica que investiga a ligação entre sexualidade e textualidade. No Brasil, nessa mesma época, formam-se, nas instituições acadêmicas, pequenos grupos informais de estudo sobre o assunto, como bem salienta Heloísa Buarque de Holanda:

*A partir do final dos anos 70, o tema “mulher” pouco a pouco passa a ser considerado objeto legítimo de pesquisa acadêmica, assim como assunto de jornais e revistas especializados. Começava a delinear-se, entre nós, um novo campo de trabalho crítico na maioria dos casos, identificado com o desenvolvimento do pensamento teórico feminista que emerge, com força total, na Europa e nos Estados Unidos, a partir dos movimentos contestatórios da década de 1960*³.

O ano de 1975 inaugura uma nova fase do movimento feminista no Brasil, com a Conferência Mundial promovida pelas Nações Unidas, naquele ano. A reorganização do movimento feminista nacional contribui para o crescimento das reivindicações por parte dos grupos ditos minoritários. Luíza Lobo⁴, avaliando o decênio da literatura feminina no Brasil, constata que, entre os anos 1975-85, as mulheres buscam se libertar dos papéis tradicionais, tanto no plano social quanto no literário. Segundo a ensaísta, nesse período, a participação feminina na literatura brasileira aumentou de forma impressionante.

As teorias feministas, de base francesa e anglo-americana, darão suporte teórico e metodológico, na década de 80, para a construção e concretização de um desejo de

³ HOLLANDA, Heloisa Buarque de. O que querem os dicionários. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de & ARAUJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras: Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 27.

⁴ LOBO, Luíza. Dez anos de Literatura Feminina Brasileira. In: _____ *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. p. 48-65.

resgatar textos de mulheres que, ao lado dos homens, contribuíram significativamente para construir a história social e cultural da humanidade. Esse grande projeto de arqueologia literária está ligado às pesquisas desenvolvidas nas instituições universitárias brasileiras e toma grande impulso no ano de 1985 quando é criada a *Organização Institucional dos Estudos Sobre a Mulher* e o *Conselho Nacional dos Direitos da Mulher & das Delegacias de Mulheres*. Nesse mesmo ano, na Universidade Federal de Santa Catarina, ocorre o Seminário Regional sobre a Mulher na Literatura, pontapé inicial para os Encontros Nacionais dos anos posteriores ⁵. Entre os nomes que formam esse grupo de estudiosas e pesquisadoras destacamos: Constância Lima Duarte (UFRN); Elódia Xavier (UFRJ); Heloisa Buarque de Hollanda (UFRJ); Ívia Alves (UFBA); Luiza Lobo (UFRJ); Luzilá Gonçalves F. Licari (UFPE); Márcia Hoppe Navarro (UFRGS); Míriam L. Moreira Leite (USP); Norma Telles (PUC-SP); Nádia Battella Gotlib (USP); Nadilza M.B. Moreira (UFPB); Nelly Novaes Coelho (USP); Rita Terezinha Schmidt (UFRGS); Suzana Bórneo Funck (UFSC) e Zahidé L. Muzart (UFSC).

Num texto publicado em 1994 ⁶, Ria Lemaire defende que a escrita e o ensino de história literária no ocidente tem se mostrado *um fenômeno estranho e anacrônico*. A história literária tradicional repete a sucessão de escritores brilhantes, como a genealogia das sociedades patriarcais do passado que se pautava na sucessão cronológica de guerreiros heróicos. Nos dois casos, *as mulheres foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres normais* ⁷. A ensaísta contesta essa assertiva dizendo que esse tipo de historiografia, definida em termos patrilineares, com ênfase excessiva na paternidade cultural, precisa ser desconstruída em dois vieses: a desestabilização do sujeito masculino e, conseqüentemente, do “herói” das obras literárias; e a destruição do mito de uma única literatura.

Lemaire aponta a historiografia literária feminista como nova premissa que sustenta a reconstrução da história da literatura ocidental. Essa reescritura demanda três atividades distintas: a desconstrução da história literária tradicional, a reconstrução das diversas tradições da cultura feminina, marginalizadas e/ou silenciadas, e a construção de uma nova história literária. *Repensar e reescrever a história literária, numa*

⁵ HOLLANDA, 1993, p. 27-28.

⁶ LEMAIRE, Ria. Repensando a História Literária. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 58-71.

⁷ *Ibidem*, p.61.

*perspectiva feminista, pressupõe a revisão de idéias estabelecidas, das interpretações acerca destas idéias e das teorias decorrentes destas interpretações*⁸.

A crítica literária feminista iniciou uma reflexão diferenciada sobre a escrita feminina, e, ao mesmo tempo, promoveu uma reavaliação da história literária. Na medida em que vozes foram silenciadas ou consideradas menores, constata-se um empobrecimento da história literária e da própria história da humanidade. Rita Terezinha Schmidt⁹ aponta para uma questão fundamental que diz respeito diretamente ao posicionamento político da teoria feminista, ou seja, a marcação do lugar do sujeito — quem ele é, de onde ele fala — considerando dois pontos nevrálgicos do binômio cultura patriarcal versus história das margens: a) a crítica feminista funciona como mecanismo de resistência ao poder do discurso crítico responsável pelas exclusões e pelo silenciamento das vozes; b) a importância de colocar-se em evidência o conceito de leitora gendrada, isto é, marcada por especificidades de gênero, experiência e interesse. Leitora que fala e lê a partir do gênero, classe, e raça.

Sobre o revisionismo proposto pela crítica feminista, Schmidt afirma que o resgate das obras de autoria de mulheres relegadas pela crítica implica em definir os termos de uma outra lógica, outra plausibilidade, outra narrativa cultural. Esse trabalho faz-se necessário na medida em que traz à tona a discussão, atual e polêmica, acerca da *literatura feita por mulheres*, que ficou obscurecida à sombra da escrita masculina por uma questão de discriminação em relação ao texto feminino. Resgatar esses textos é visualizar a literatura feita por vozes excluídas do cânone, mas principalmente recuperar a presença e a memória femininas enquanto parte de uma história cultural e literária há muito silenciada, mas, que hoje reivindica voz.

Célia Ferreira, em artigo que está contido num livro de nome politicamente sugestivo intitulado *Refazendo nós*, discute sobre resgate e valor estético. Afirma que a linha de pesquisa resgate de escritoras coloca em questão os discursos transmitidos pelas histórias da literatura que insistem em manter os nomes de autoras no esquecimento. Lembra que essa discussão sempre retorna quando uma nova publicação retira tais escritoras da *poeira de bibliotecas pouco visitadas pelo público leitor*¹⁰.

⁸Ibidem., p.69.

⁹SCHMIDT, Rita Terezinha. Para que Crítica Feminista? (Anotações para uma resposta possível). In: VI SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 1995, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: NIELM, 1996. p. 138-149.

¹⁰ FERREIRA, Célia. Resgate de escritoras e revisão da história da literatura. In: BRANDÃO, Isabel. MUZART, Zahidé L. *Refazendo nós*. Florianópolis: Editora Mulheres: Santa Cruz do Sul:EDUNISC, 2003. p.73.

O tema *Feminismo e Literatura* continua marginalizado, tanto que Zahidé Muzart espanta-se ao ser convidada para participar do livro *Histórias da literatura*, organizado pela Profa. Maria Eunice Moreira. O título, bem como os artigos que compõem o livro, é uma proposta coerente de ampliação no horizonte dos estudos nessa área. Apesar da surpresa inicial, as palavras da ensaísta são de felicitações à iniciativa visto que *é um passo à frente na aceitação das teorias feministas pela academia, pois elas se constroem na prática e são resultados de ação política, de engajamento*¹¹. A professora da Universidade Federal de Santa Catarina faz um retrospecto de textos, nacionais e estrangeiros, sobre o feminismo, considerados fundadores pela crítica feminista. Considera alguns aspectos referentes à Editora Mulheres¹² e ao seu projeto das antologias sobre escritoras do século XIX. Afirma que a literatura feminina no Brasil esteve sempre vinculada ao feminismo e aponta a crítica feminista como responsável pelo abalo do conceito de cânone literário nacional.

A necessidade de rever o cânone é, portanto, o projeto das autoras dos livros que, a partir de agora, apresentarei. Na introdução de cada obra do corpus escolhido, as autoras se apresentam. São profissionais ligadas à docência e à pesquisa universitária. Afirmam que os projetos iniciados por elas, só se concretizaram através do apoio de suas instituições de origem e de órgãos governamentais de fomento à pesquisa. Muitas apontam o CNPq como principal responsável pelo financiamento de seus projetos e aludem à importância do esforço coletivo de cada uma das especialistas provenientes das regiões de todo país, bem como a colaboração de arquivos e coleções particulares, bibliotecas e hemerotecas. As pesquisadoras afirmam que os seus projetos foram motivados pela constatação de que a mulher escritora está ausente nas histórias da literatura brasileira. Lembram a importância que a literatura produzida por mulheres vem assumindo desde as reuniões do GT A Mulher na Literatura da ANPOLL e os

¹¹ MUZART, Zahidé L. *Feminismo e Literatura* ou quando a mulher começou a falar. MOREIRA, Maria Eunice. (org.) In: *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p.262.

¹² A *Editora Mulheres* é um empreendimento pessoal de Zahidé L. Muzart. Pesquisadora incansável da nossa memória cultural e história literária. Ela cria em 1996, em Santa Catarina a editora que tem por objetivo recuperar a produção da mulher brasileira no século XIX. Sua iniciativa facilitou o acesso a textos, ensaios e romances esgotados e impulsionou a pesquisa sobre o século XIX, visto que depois das publicações que colocou em circulação, muitas dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre a literatura feminina aumentaram em todas as instituições do país. Hoje, já são oferecidos 43 títulos distribuídos nas séries ensaios, romances, cartas, poesias e viagens. Muitos já estão esgotados. Nesse ano de 2005, o livro *Ensaístas Brasileiras* concorre ao prêmio Jabuti, oferecido pela Academia de Letras do Brasil.

Seminários Nacionais A Mulher na Literatura. Esses eventos propulsionaram os estudos sobre gênero e moveu-as no sentido da publicação das obras.

Em *Ensaístas Brasileiras*, dicionário publicado em 1993, encontramos mais de 600 verbetes, apresentados em ordem alfabética, com a bibliografia das autoras e um significativo número de textos sobre a recepção crítica. No texto introdutório intitulado *O que querem os dicionários?* Heloísa Buarque de Hollanda reflete sobre a preocupação das dicionaristas em romper com a lógica do silenciamento, denunciando a estigmatização da presença feminina na literatura, ressaltando que a prática de publicar dicionários, antologias e coletâneas é atividade antiga entre as mulheres. Estas pesquisadoras do passado, desde muito cedo, descobriram a necessidade de registrar os nomes das mulheres para salvá-las do esquecimento. *Hoje, a tendência arqueológica, uma das linhas de força da crítica literária feminista contemporânea, formaliza esta preocupação e lhe dá sustento científico*¹³.

Mary Del Priore, na apresentação de *A História das Mulheres no Brasil*, caracteriza o livro como obra pioneira e de referência e convida o leitor a fazer uma *viagem através do tempo para conhecer as irmãs do passado*. Para essa empreitada, escolheu pesquisadores de diversas áreas, proporcionando ao leitor a compreensão do universo feminino a partir de uma perspectiva interdisciplinar. A organizadora lembra que a idéia do livro partiu do editor da Contexto, editora responsável por possibilitar as melhores condições para o desenvolvimento do projeto. Nos vinte textos que compõem o livro, as ensaístas¹⁴ recuperam a história das mulheres desde o século XVI até o XX. Os textos abordam questões do cotidiano feminino relatado pelos viajantes do século XVI, sexualidade e homoerotismo femininos, família, maternidade, pobreza, violência, trabalho feminino, escrita feminina, entre outros temas.

Os textos que compõem o livro ressaltam os elementos culturais, sociais, políticos e econômicos que influenciaram as relações entre homens e mulheres e enfatizam a complexidade e diversidade das experiências femininas ao focar as mulheres através das tensões e contradições que se estabeleceram em diferentes épocas. Para tanto, os autores valem-se de vários tipos de documentos tais como processos inquisitoriais, leis, crônicas de viagem, atas de batismo e casamento, diários, fotos, cartas, testamentos, jornais, etc. Enfim, uma quantidade surpreendente de materiais que

¹³ HOLLANDA, Heloísa Buarque de. ARAUJO, Lúcia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras: Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 16

¹⁴ Uso o adjetivo no feminino, por uma questão de posicionamento político e, também, respeitando o princípio de serem em maioria, mulheres. Ressalto, entretanto que cinco ensaios são escritos por homens.

possibilitam a recuperação de uma imagem mais nítida do universo feminino. *A história das mulheres é relacional, inclui tudo que envolve o ser humano, (...) Nessa perspectiva, a história das mulheres é fundamental para se compreender a história geral: a do Brasil, ou mesmo aquela do ocidente cristão* ¹⁵.

Em 1999, Zahidé Muzart publica uma obra com quase 1000 páginas. É o primeiro volume de *Escritoras brasileiras do século XIX* ¹⁶. Nele estão cinquenta e uma escritoras brasileiras resgatadas do mais profundo silêncio. O que a pesquisadora promove é a reescrita das histórias da literatura brasileira do século XIX e da historiografia produzida no século XX. O projeto ousado de Zahidé nos permite vislumbrar uma nova história da literatura no Brasil e constitui daqui em diante uma referência no campo da historiografia e crítica feministas brasileira.

No texto introdutório, a professora da Universidade Federal de Santa Catarina, esclarece o objetivo da sua pesquisa: *resgatar parte da obra dessas esquecidas e, principalmente mostrar que, apesar da ausência desses nomes nas histórias literárias do século XX, elas existiram e foram atuantes, a seu modo, em sua época* ¹⁷. E define seu trabalho e de sua equipe de pesquisadoras como uma faina de *revolver escombros e garimpar entulhos*, que só pode ser levada a cabo *com paciência e boa dose de paixão*. O trabalho de resgate das autoras desaparecidas de nossa história literária corre contra a ação corrosiva do tempo e busca, por entre as ruínas, o legado daquilo que desapareceu. O que está morto na história pode ressuscitar. Ao empreendermos essa viagem à escrita feminina no século XIX, praticamente desconhecida do leitor brasileiro já às portas do século XXI, um novo modo de olhar para a tradição literária brasileira se nos apresenta. As estudiosas que ressuscitam em *Escritoras brasileiras do século XIX*, as escritoras do passado, questionam a representação produzida pela voz dos escritores e historiadores homens. Assim, os textos reunidos pelas pesquisadoras desconstróem uma representação homogênea do lugar da mulher, seja na história, seja na literatura do século XIX. As produções também acabam por solapar qualquer idéia que equivocadamente pudéssemos ter de uma identidade comum a unir todas essas escritoras.

É evidente a contribuição da antologia para a rearticulação de uma sociedade na qual as diferenças possam ser respeitadas enquanto identidades diversas e múltiplas e

¹⁵PRIORE, Mary Del (org.) *História das mulheres no Brasil*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 1997. p. 8.

¹⁶ MUZART, Zahidé L. (Org.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. 2. ed. Revisada. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

¹⁷ MUZART, 2000, p. 19

onde elas possam emergir enquanto elemento contestador do discurso totalizante. A relevância dessa obra reside no fato de possibilitar que chegue às mãos de nós, interessados pelo resgate de escritoras e obras do século XIX, um material rico em pesquisa que ajudará, sobremaneira, a elucidar muitas questões, até então, obscurecidas pela historiografia tradicional. Ao trazer à tona a produção literária feminina novecentista, Zahidé Muzart visibiliza antigas/novas vozes que registraram a vida cultural pelo prisma feminino. É uma oportunidade ímpar — porque a pesquisa resgata uma quantidade considerável de textos, antes de acesso difícil — de confrontar as afirmações que foram feitas pelos críticos quanto à inferioridade dos textos femininos em relação aos masculinos. Os estudos arqueológicos de recuperação da história silenciada da produção feminina e a leitura aprofundada de suas obras revelam a contribuição dessas escritoras, no ambiente social, cultural e político no tempo em que viveram.

Na esteira das suas companheiras de pesquisa, Lizir Arcanjo Alves publica, em Salvador, *Mulheres Escritoras na Bahia*. Na *Apresentação*, informa ao leitor que objetiva *resgatar a produção literária feminina de toda uma época em que pouco ou quase nenhum valor se lhe dava, exatamente por ser de mulher*¹⁸. Na Coletânea, a autora recupera poemas de 34 poetisas baianas do século XIX, encontrados em livros, revistas literárias e jornais pertencentes aos acervos de Bibliotecas de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Lizir comenta que seu vínculo como docente da Universidade Católica do Salvador facilitou o andamento do projeto de recolha dos textos das autoras, através da participação de seus alunos na pesquisa para a antologia.

O *Dicionário Mulheres do Brasil* segue na mesma linha do livro de Mary Del Priore, supra-citado. Publicado em 2000, ano das comemorações dos 500 anos de *invasão*, a obra faz parte do *Projeto Mulher 500 anos – atrás dos panos* que tem por finalidade contribuir para a construção da memória das mulheres brasileiras. Na *Apresentação*, Schuma Schumacher, como Priore, também fala em viagem, desta vez referindo-se ao percurso feito pelos pesquisadores que participaram do projeto. Afirma que a idéia do dicionário surgiu no momento de leitura da *Carta de Caminha*, quando constatou que a ótica pela qual o escrivão português via as índias precisava ser ampliada. A tarefa era, então, evidenciar *as mulheres que pulsavam ocultas* respondendo questões como: *Que palavras não foram escritas? Que vozes não foram*

¹⁸ ALVES, Lizir Arcanjo. *Mulheres Escritoras na Bahia: As poetisas – 1822 – 1918*. 2. ed. Salvador: Étera Projetos Editoriais, 1999. p.15

ouvidas? *Quem são as mulheres cuja vida pode nos mostrar o que existe atrás dos panos?*¹⁹. A equipe recebe apóio da *Fundação Ford* e conta com a colaboração dos arquivos públicos e bibliotecas de várias capitais do país e das colaborações de arquivos privados que disponibilizaram documentos inéditos na historiografia. Essas informações possibilitaram desvelar a vida e o cotidiano das mulheres que se encontravam na obscuridade, esquecidas propositadamente. A revelação de mais de 1.600 nomes, espantou os pesquisadores e estes precisaram estabelecer critérios de escolha, pois era impossível dar conta de todo o universo descortinado. A seleção chegou a 900 verbetes biográficos e temáticos. A coordenadora considera a obra *aberta e viva* visto que é incompleta porque nem todas as mulheres foram incluídas. Schuma insiste na idéia de que a história das mulheres foi propositalmente mal contada e, portanto, é preciso fazer justiça à sua memória, revelando as muitas mulheres que ainda permanecem anônimas e ignoradas pela história oficial.

Em 2001, Helena Parente Cunha, escritora baiana, organiza o livro *Desafiando o Cânone (2)*, como resultado dos cursos de Pós-Graduação ministrados pela professora na UFRJ. São 10 textos produzidos por seus alunos²⁰. Neste livro, como o título sugere, a romancista questiona o cânone, pois esse invariavelmente funciona como instrumento de recalque dos textos escritos por segmentos ditos minoritários e marginalizados. Ele está a serviço de uma elite considerada culturalmente superior que, apropriada de um discurso monolítico, está ligada ao poder e, conseqüentemente, aos mecanismos a ele subjacentes. Não é redundante dizer ainda que o cânone institucionaliza-se sob a égide do saber ocidental reconhecidamente patriarcal e androcêntrico. Helena Parente questiona os critérios de exclusão/inclusão do processo de canonização, *Na arena das discussões e das polêmicas, tantas vezes nervosas e irritadas, avulta a questão da sobrevivência ou da derrubada do cânone literário, que antes servira de baliza e medidor para autorizar a admissão da obra no céu dos eleitos ou seu banimento daquele mundo dos deuses*²¹.

¹⁹ SCHUMAHER, Schuma. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*, biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000. p. 9

²⁰ Em 1999, a romancista organizou o Volume I, onde apresenta artigos sobre escritoras que publicam nos anos 70 e 80 do século XX. Infelizmente não tive acesso ao livro, pois está esgotado e não consegui encontrar em sebo.

²¹ CUNHA, Helena Parente. Introduzindo novos, mas antigos desafios In: _____ (Org.) *Desafiando o Cânone (2)* – Ecos de Vozes femininas na Literatura brasileira do século XIX/ Coletânea de trabalhos de Alunos de Pós-Graduação em Teoria Literária. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2001. Série Coletâneas. 2 v. p.22

Segundo a romancista, a *trindade crítica* do século XIX, José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Júnior eram os normatizadores que execravam as obras escritas por mulheres e interditavam seus nomes nas histórias literárias. Essa exclusão deve-se principalmente às idéias avançadas, proferidas por muitas escritoras do século XIX, tanto nos artigos da imprensa quanto nas páginas de seus romances. Essa transgressão desestabilizava o discurso patriarcalista que justificava o confinamento da mulher no espaço privado. Ao se tornar sujeito e não mais objeto da escrita masculina, a mulher escritora rompeu a clausura do mundo doméstico, não aceitou passivamente os argumentos masculinos e questionou a obediência servil.

No *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, Nely Novaes Coelho afirma que estamos vivendo um momento de apocalipse e gênese e que a literatura revela-se, atualmente, como instrumento de auscultação e registro do caos. Segundo a autora, nesse nosso mundo pós-tudo, “mágico ciberespaço”, a literatura feminina é privilegiada para “auscultar o caos”. A causa desse privilégio estaria numa *evidência incontestável: se nesse naufrágio de valores as coisas mudaram de maneira irreversível para o homem, em relação à mulher, tais mudanças evoluíram em proporção geométrica (...)*²². A recuperação da literatura do passado, escrita por mulheres responde a uma necessidade de reconstituir a memória de um tempo e de uma história que foram velados para que possamos redescobrir o ontem e compreender a vivência do hoje. A literatura funciona, nesse sentido, como feixe de relações complexas que interagem entre artista, tempo vivido e *húmus cultural herdado*. É nesse sentido então, que a pesquisadora organiza seu dicionário, compreendendo centenas de verbetes que contam a história de mulheres do século XVII até o século XXI.

No ano passado, Zahidé Muzart nos surpreendeu mais uma vez ao colocar em nossas mãos o segundo volume de *Escritoras brasileiras do século XIX*²³. Desta vez são 53 escritoras incluídas em quase 1200 páginas. Na *Introdução*, a pesquisadora recupera a história do seu trabalho *detetivesco* que teve início nos anos 80. Fala da surpresa que teve ao reunir uma imensa quantidade de material escrito por mulheres no século XIX. Informa-nos sobre a grande quantidade de pesquisas que *começaram a pipocar* em todo país, como resultado da circulação e leitura do volume I. E, ainda, faz referência à recepção crítica da antologia publicada em 1999. Segundo ela, a imprensa,

²² COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil: panorama histórico-literário. In: _____ *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p.17

²³ MUZART, Zahidé L. (Org.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX: antologia*. 2.v. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

professores de várias instituições e pesquisadores de todo país teceram elogios ao ineditismo da publicação, com exceção do crítico Wilson Martins que em artigo do jornal *O Globo*, discorda das palavras de incentivo dos admiradores do trabalho de Zahidé Muzart. Ela rebate a crítica do escritor paranaense, dizendo: *Wilson Martins, não chegou a acompanhar nossa linha de raciocínio, nem as teorias atuais sobre as literaturas à margem do poder* ²⁴.

A coordenadora da Editora Mulheres conclui que esse segundo volume *realimenta nossos leitores e leitoras com mais subsídios, a fim de que prossigam com suas discussões, seus estudos e até mesmo suas controvérsias* ²⁵. Classifica, lucidamente, seu trabalho de *investigação arqueológica* de cunho feminista e político, ligado aos Estudos da Mulher e filiado à Ecdótica. Quanto à questão do cânone, a pesquisadora afirma que *implica avaliações políticas e não apenas estéticas* e interroga: *Mas por que razão somente “as obras de época” femininas mereceriam ficar enterradas?*²⁶.

Zahidé Muzart entende que não basta apenas recuperar a memória feminina do esquecimento, mas, principalmente, colocar seus textos em circulação para que eles possam ser lidos. A pesquisadora toma para si a tarefa de trafegar na contramão da história oficial — que promoveu o apagamento do discurso feminino — ao resgatar esses textos e colocá-los nas mãos do leitor, para que possam ser objeto de reflexões pontuadas pelo viés de teorias contemporâneas que contestam o discurso hegemônico.

Hoje, a publicação e recepção de obras como essas apresentadas aqui, mostram que muitas mulheres conseguiram extrapolar as barreiras impostas à sua condição sexual e insubordinaram-se no sentido mais audacioso da palavra, ao burlar os mecanismos de opressão impostos a elas. E, ainda, fortalecem as atuais pesquisas no campo do resgate de textos de autoria feminina na medida em que acrescenta mais um tijolo no recente, mas promissor, projeto de formulação de uma historiografia feminista e da construção de uma tradição literária feminina brasileira. O certo é que depois de um texto ser escrito e publicado, ele pode até se tornar objeto inviolável num baú, mas a necessidade atávica da humanidade de resgatar a nossa história passada, para entender o presente, fará com que revistemos essa caixa de pandora e retiremos dela não os males que destruirão a humanidade, mas sim os pedaços que reconstituirão o mosaico, antes

²⁴ MUZART, 2004, p. 22.

²⁵ MUZART, 2004, p. 23.

²⁶ Idem, Ibidem, p.26.

incompleto. Essa atitude intelectual, política, revolucionária e transgressora remontará a nossa história ancestral, pessoal e coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lizir Arcanjo. *Mulheres Escritoras na Bahia: As poetisas – 1822 – 1918*. 2ª ed. Salvador: Étera Projetos Editoriais, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil: panorama histórico-literário. In: _____ *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CUNHA, Helena Parente. Introduzindo novos, mas antigos desafios In: _____ (Org.) *Desafiando o Cânone (2) – Ecos de Vozes femininas na Literatura brasileira do século XIX/ Coletânea de trabalhos de Alunos de Pós-Graduação em Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2001. Série Coletâneas. 2 v.

FERREIRA, Célia. Resgate de escritoras e revisão da história da literatura. In: BRANDÃO, Isabel. MUZART, Zahidé L. *Refazendo nós*. Florianópolis: Editora Mulheres: Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAUJO, Lúcia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras: Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

LEMAIRE, Ria. Repensando a História Literária. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOBO, Luíza. Dez anos de Literatura Feminina Brasileira. In: _____ *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MUZART, Zahidé L. (Org.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. 2a ed. Revisada. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. Vol. 1

_____. Feminismo e Literatura ou quando a mulher começou a falar. MOREIRA, Maria Eunice. (org.) In: *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

_____. (Org.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX: antologia*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.. Vol. 2

PRIORE, Mary Del (org.) *História das mulheres no Brasil*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 1997.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Para que Crítica Feminista? (Anotações para uma resposta possível). In: VI SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 11 a 13 de set. de 1995, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: NIELM. p. 138-149.

SCHUMAHER, Schuma. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.